

LÚCIA GOMES – A CRIAÇÃO EM ESTADO DE SÍTIO

Tadeu Lobato

A arte de Lúcia Gomes está no vácuo cultural provocado por Marcel Duchamp, que deslocou toda a tradição do fazer artístico, rompendo com as satisfações e maneiras do passado. Ela existe em permanente estado de sítio, lutando contra os obstáculos e limites que as convenções impõem, escapa para o âmbito privado, solipsista fugindo do espírito acadêmico e seus sinais muito reconhecíveis de uma arte avançada que já carrega paradigmas que encontram refúgio em categorias que evitam o risco e as decisões, onde o artista adere mas não assume singularidades, escolhas e decisões, preferindo as formas seguras que a maioria das pessoas hoje concordam em denominar de arte, Lúcia Gomes trabalha em enfrentamento, a criação em estado de suspensão.

Circula no espaço, cruzando contextos, meios e ruídos, uma construção fragmentada, engendrada por experiências e motivações espirituais, políticas, estéticas, ligando sua cultura singular com a cultura humana que forma uma rede complexa de singularidades, como estratégia de resistência para a manutenção do risco da criação. Esta atitude de cruzamentos potencializa interiorizações e exteriorizações onde um universo químico em convulsão espelha defesas visuais, como quem tenta organizar o universo através de idealizações com resultados materiais e imateriais, um experimento emocional que reflete na costura de sentimentos ambivalências, flutuando entre o sublime e o infame germinando e exalando o humano.

Tenta com revoluções Inacabadas o escape necessário para a permanência da criação em estado de sítio, pedofilia, ecologia, preconceitos e toda a forma de violência. Traduz através de performances, ações públicas, circuitos virtuais e instalações desejos que devolve como alguém que excita a úvula lançando o espectador para o espanto. Mas principalmente para a experiência do humano no espaço da arte que é diversificado onde não encontramos essências comuns, só miragens teóricas que não garante estarmos diante de obras de arte. Assim Lúcia Gomes cria vínculos com o mundo forçando-o a imaginação, trabalhando as emoções que a obra suscita, evitando a sombra paralisante da idéia de absoluto, afirmando a independência da obra em si, moldando na forja da alma singular uma consciência que regenera e amplifica o autoconhecimento, o que pode vir a favorecer de algum modo nossos conteúdos mentais e o poder de síntese da mente, colocando a arte eventualmente como meio para elevar a existência humana colocando tudo em estado de sítio.

Talvez seja difícil ter uma percepção imediata dos desejos que Lúcia Gomes propõem, por que não escolhemos de forma voluntária gostar ou não

gostar,mas é possível sentir de forma aguda sem consciência do sentimento exato ou de um veredicto estético,aceitando o convite que a artista faz para o envolvimento literal com suas propostas, compreendendo que esta e uma primeira instância que puxa a reflexão,uma vivência temporária,que só o desafio do retorno possibilitara alterar ou afirmar veredictos,colocar-se em suspensão diante da própria timidez cultural, do enfrentamento, independente do conhecimento,agora quem fica em estado de sítio é o outro em um jogo “Divertido” de troca de estados, um colapso que pode aprimora o olhar.

Lúcia Gomes é um convite fascinante ao universo das emoções químicas,traduzidas em forma de arte em espaços sem limites, dialogando com a história da arte contemporânea, encontrando ecos no dadaísmo,zombando das convenções de dentro para fora,criando eventos singulares, uma “Arte de idéias” de satisfações por vias surpreendentes longe do antemão,ofertando para todos a vertigem do espanto e da surpresa, que tudo pode ser arte sem manipulação,basta mudar de sintonia uma boa piada...Mortal.

Tadeu Lobato 27 de Agosto2012 XIX